

COORD. Joaquim Rodrigues dos Santos

PRESERVAR O PATRIMÓNIO PORTUGUÊS ALÉM-MAR

PORTUGUESES E A SALVAGUARDA
DO PATRIMÓNIO EDIFICADO PORTUGUÊS
NO MUNDO



PRESERVAR O PATRIMÓNIO PORTUGUÊS ALÉM-MAR



caiei
dosc
ópio

caiei
dosc
ópio

PRESEVAR O PATRIMÓNIO PORTUGUÊS ALÉM-MAR

PORTUGUESES E A SALVAGUARDA
DO PATRIMÓNIO EDIFICADO PORTUGUÊS
NO MUNDO

TÍTULO

Preservar o Património Português Além-Mar
Portugueses e a Salvaguarda do Património Edificado Português no Mundo

COORDENAÇÃO

Joaquim Rodrigues dos Santos
ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

PAGINAÇÃO

Fernanda Cavalheiro

ISBN

978-989-658-???-?

DEPÓSITO LEGAL

XXXXXX/XX

DATA DE EDIÇÃO

07.2016

EDIÇÃO

calei
dos
c
ópio

CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Rua de Strasburgo, 26 – r/c dto. 2605-756 Casal de Cambra. PORTUGAL
Telef.: (+351) 21 981 79 60 | Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt | www.caleidoscopio.pt

Organizacao

ARTIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FLUL
LETRAS
LISBOA

U
LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Apoio

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Direção-Geral do Património Cultural

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Instituto Nacional de Investigação Científica

ICOMOS
COMISSÃO NACIONAL
PORTUGUESA




SUMÁRIO

- 9 **PREFÁCIO**
- 21 **UM IMPERATIVO DA POLÍTICA CULTURAL: SALVAGUARDAR O PATRIMÓNIO HISTÓRICO-ARTÍSTICO PORTUGUÊS NO MUNDO**
Vítor Serrão
- 39 **“AMADOR QUE QUERO SER DA COISA AMADA”:** ALFREDO VIANA DE LIMA E O BRASIL
Madalena Cunha Matos
- 69 **INVENTÁRIO· CLASSIFICAÇÃO· CONSERVAÇÃO· RESTAURO E DIVULGAÇÃO DE MONUMENTO NACIONAIS EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE (1922-1974)**
Vera Mariz
- 91 **LUÍS BENAVENTE· ARQUITECTO – TRABALHOS EM ÁFRICA NOS ANOS 1950-60**
91
José Manuel Fernandes
- 111 **SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO NO ESTADO DA ÍNDIA PORTUGUESA: DOS ANSEIOS DE PRESERVAÇÃO À INSTRUMENTALIZAÇÃO IDEOLÓGICA**
Joaquim Rodrigues dos Santos1
- 147 **CONHECER PARA INTERVIR: O PROJECTO DE CONSERVAÇÃO DA GALERIA DOS VICE-REIS E GOVERNADORES DA ÍNDIA PORTUGUESA**
Ana Teresa Teves Reis; António Candeias
- 163 **CONSERVAÇÃO E RESTAURO DO PATRIMÓNIO INDO-PORTUGUÊS: CONCEITOS· SOLUÇÕES DE INTERVENÇÃO E DESAFIOS PARA O FUTURO·**
Mónica Esteves Reis
- 177 **REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO E ARQUITECTÓNICO SINO-PORTUGUÊS EM MACAU**
Luís António Durão
- 199 **O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO DE ORIGEM PORTUGUESA NO NORTE DE ÁFRICA: PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO (2008-2016)· HONRANDO MIGUEL MATEUS· CONSERVADOR-RESTAURADOR (1957-2015)·**
André Teixeira; Jorge Correia
- 227 **ARQUITECTURA E ARQUEOLOGIA DE CONTACTO NA VALORIZAÇÃO DE MBANZA KONGO· A CAPITAL DO REINO DO CONGO·**
Maria da Conceição Lopes

- 247 A SÉ DA CIDADE VELHA
Alexandre Braz Mimoso
- 273 A EXPERIÊNCIA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN NA PRESERVAÇÃO
DO PATRIMÓNIO DE ORIGEM PORTUGUESA NO MUNDO1
Maria Fernanda Matias
- 285 A FUNDAÇÃO ORIENTE E A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO PORTUGUÊS
NO ORIENTE
Adelino Rodrigues da Costa
- 299 "O MAR FOI ONTEM O QUE O PATRIMÓNIO PODE SER HOJE BASTA VENCER
ALGUNS ADAMASTORES"
Ana Paula Amendoeira; José Aguiar

ARQUITECTURA E ARQUEOLOGIA DE CONTACTO NA VALORIZAÇÃO DE MBANZA KONGO, A CAPITAL DO REINO DO CONGO.

Maria da Conceição Lopes

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Universidade de Coimbra

O REINO DO CONGO E A SUA CAPITAL MBANZA KONGO

O reino do Congo é um dos principais e dos mais conhecidos e reinos da África Subsaariana Antiga. Compreende uma parte das actuais, República do Congo, República Democrática do Congo e Angola. Mbanza Kongo, a capital é mais antiga cidade habitada a sul do Equador localizando-se numa posição central e estratégica a 150 milhas da costa, onde se situava Mpinda, o seu porto, na Província do Soyo¹. (Fig. 01)

O desembarque de Diogo Cão na foz do rio Congo, em 1483, inaugura a entrada deste distinto reino africano na história universal.

O facto de desde o momento da chegada dos portugueses os reis do Congo se terem comprometido com o cristianismo, terem mantido relações diplomáticas com os reis de Portugal e, posteriormente, com o Vaticano, e de esta ser a região de África de onde milhares de escravos foram expatriados para todo o mundo tem, em grande parte, respondido pelo o interesse que a ciência tem devotado a este reino, tanto no passado como na actualidade.

Beneficiária da muito vasta e diversa documentação, entre a qual se destacam os relatos e descrições de missionários das ordens mendicantes,² jesuítas e capuchinos e a documentação avulsa, boa parte dela recolhida por A. Brásio e publicada em *Monumenta Missionária Africana*³, a investigação de natureza historiográfica tem produzido uma vasta e variada literatura sobre o reino e o seu funcionamento, com incidência nas relacionadas com a cristianização do reino, com a escravatura e com o a questão colonial.

Por ser uma documentação contínua no tempo, descontadas as visões sectárias e aliviada do preconceito, consente, ainda que de modo indirecto, uma visão genérica e aproximada do processo evolutivo da história e da morfologia da cidade na longa duração⁴. Porém, porque se não encontrarem plasmadas objectivas e concretas informações sobre a cidade pré-colonial, este processo é de difícil apreensão, sobretudo para o período que antecede o contacto com portugueses.

Aquela que é tida pela primeira descrição da cidade, uma carta do embaixador de Milão em Lisboa, datada de 1491, informa que o rei do Kongo tem “a terra” no interior de uma muralha larga como a de Évora e situa-se a cerca de 60 léguas do mar sendo as suas casas melhores do que as que encontramos em toda a Guiné⁵. O responsável pela descrição quis destacar a

cidade dos restantes lugares conhecidos mencionar o impacto que esta causava recorrendo a exemplos facilmente identificados em Portugal. Seria, todavia, imprudente inferir desta descrição qualquer dado sobre a estrutura física da cidade pois que, a indicação de que tem “muralha tamanha como os muros da cidade de Évora” não tem outro significado que não seja o de indicador de medida, o mesmo que foi, também, módulo referencial para a “cerca de palha de Angoleme” que ardeu num incêndio, em 1564 com 5 ou 6 mil casas de palha no interior.⁶

Pigafetta, em 1591, escrevendo sob informação de Duarte Lopes dá uma descrição mais detalhada de Mbanza Kongo, entretanto renomeada S. Salvador⁷ afirma *a cidade está posta numa esquina ou ângulo ao sul daquele cume de montanha; a qual el-rei D. Afonso, o primeiro cristão, cercou de muros, dando aos Portugueses separadamente o seu lugar, vedado com muros, e deixando no meio destes dois haréns um grande espaço, onde foi construída a igreja principal com o seu terreiro defronte; e as portas, assim das casas como das habitações dos Portugueses, avistam o lado da dita igreja; e no princípio do terreiro moram alguns senhores, grandes da corte; e nas traseiras da igreja o terreiro acaba numa rua estreita, que tem uma porta, passada a qual há muito casario da banda do levante. Fora destas muralhas, em que estão contidos os paços reais e a cidade dos Portugueses, muitas outras casas se topam de senhores diversos: cada um tomando desordenadamente o sítio que lhe parece bem, para residir junto a corte, de maneira que se não pode determinar a extensão desta cidade para lá dos dois circuitos de muralhas, sendo toda esta campina cheia de quintas e de palácios: qualquer senhor em seus prédios se enclausura como num bairro. O circuito dos Portugueses abraça obra de uma milha, e outro tanto os paços de el-rei; as muralhas são muito grossas; não se fecham as portas de noite e nem sequer estão guardadas.*⁸

A descrição de Pigafetta remete, claramente, para a cidade em transformação com a chegada dos portugueses, sendo omissa no que respeita ao passado pré-contactos com os portugueses.

Considerando os pedidos expressos feitos pelo rei do Congo ao rei português logo após a instalação dos portugueses na cidade⁹ e repetidos ao longo do século XVI, para que lhe enviasse pedreiros e carpinteiros, porque dizia deles necessitar, dado não os haver no reino¹⁰, parece sustentar-se a ideia de que a construção em pedra não existia antes do período de contacto, embora se iniciasse em tempo imediatamente após os contactos mútuos que desde de pronto aconteceram.¹¹

A historiografia, de certo, por ser muito dependente dos documentos e mais interessada noutras matérias, de um modo geral pouco tem contribuído para o debate sobre a temática da morfologia urbana, nem mesmo quando por via da arqueologia, nos anos sessenta, foram disponibilizados novos e desconhecidos dados, nomeadamente a existência de uma muralha em pedra e edifícios religiosos.¹²

Com maior ou menor conforto, repete a caracterização do reino e da sua capital, encontrada em Pigafetta. E não é pouco frequente encontrá-la ilustrada com a gravura de Dapper, onde se destaca um palácio, que nem mesmo as mais eloquentes fontes permitem supor ter existido.¹³ (Fig. 02)

Independentemente do tipo e dos materiais e das técnicas de construção é evidente que a cidade que os portugueses chamavam de “oteiro”, em razão da sua localização no extremo sul de uma plataforma no topo de uma colina alongada, no que ela comporta de *Mother settlement*, no quadro de um espaço mais vasto de administração única, já existe antes da chegada

dos portugueses. Testemunham essa realidade uma organização política, social e económica, religiosa, estruturada em torno da figura do rei e reconhecida pela comunidade, com a qual os portugueses se confrontam e são impelidos a dialogar.

De acordo com tradições repetidas nos séculos XVI a XVII, o reino deve a sua origem ao herói mítico Lukeni, rei que no século XIII terá cruzado o rio Zaire e conquistado toda a vasta área que o reino veio a ocupar. O carácter estável da autoridade, reconhecida e legitimada na pessoa do rei, transfere o início da estruturação do reino para um já longo passado ao largo do qual se efectivou o processo de definição e fixação das relações internas dos diferentes corpos sociais, políticos, económicos e religiosos e as respectivas correlações organizativas.

Não sendo possível encontrar nos documentos históricos o tempo em que se deu início à construção em pedra, nem definir os ritmos de evolução da cidade, é evidente que ela impressionou os portugueses desde o primeiro momento e que a importância que desde sempre teve no contexto local e na memória colectiva, incluindo fora de África, se reafirma nas descrições nostálgicas que vão passando de uns para outros, sobretudo quando após batalha de Ambuíla a velha cidade inicia um de ruína¹⁴.

A circunstância de no final do século XV haver nesta geografia africana uma cidade capital estruturada de modo a constituir-se com carácter de capital imutável de um reino, constitui um caso absolutamente inédito na região. O facto de os reis do Congo terem querido e sabido usar as relações que vieram a estabelecer com os europeus, e desde logo com os portugueses, em benefício do engrandecimento da sua capital inscreve esta cidade num patamar de relações de excepcionalidade e ineditismo evidentes, não apenas em África, mas no contexto dos fenómenos de contactos intercontinentais para lá daqueles que a exportação de escravos veio a corporizar.

ARQUEOLOGIA DE MBANZA KONGO

Verificar e compreender a materialidade do perfil de excepção que a cidade de Mbanza Kongo foi assumindo no seu processo de construção implica um programa de trabalhos de escavação. Porque a Arqueologia não escolhe tempos, nem circunstâncias, nem selecciona vestígios, mas, ao invés, recolhe todos os vestígios que na terra estão registados, desde o grande edifício ao fragmento singelo de uso na cozinha a fim de apreender as mutações do espaço urbano, onde as necessidades de reconstruir e construir de novo, ampliar, reciclar ou readaptar os espaços, dão, muitas vezes, origem a processos complexos de experienciação de vida e consolidação de tramas morfológicas.

No estudo das dinâmicas das cidades, as fontes históricas, os relatos e descrições são fundamentais, porque neles se encontram os aspectos gerais da sociedade a que se referem, nomeadamente aqueles que, manifestamente, envolvem os poderes e seus satélites mas, a arqueologia, ao enfrentar a leitura da terra onde se encontram plasmados os registos dos quotidianos mais próximos, dos gestos e actos próprios de todos os indivíduos e da suas necessidades mais prementes, constitui-se como fundamental para aceder, noutras escalas de tempo e de sociedade, aos conteúdos de funcionamento das comunidades.

As particularidades metodológicas da Arqueologia urbana, as quais implicam um diálogo

constante com a historiografia, mas também, com a antropologia, etnografia, sociologia e outras disciplinas que concorram para o conhecimento das sociedades de pretérito mais presente, introduzem os elementos de competência que sustentam a investigação necessária.

A aplicação de métodos arqueológicos em contextos históricos urbanos é praticamente inexistente nesta região de África. Razões como as que se prendem com questões climáticas, pressão demográfica ou guerras, por exemplo, dificultam os trabalhos e a recuperação de vestígios. Acresce, ainda, o facto de os poderes coloniais raramente se preocuparem com a protecção do património e descurarem, frequentemente, a preservação dos testemunhos do passado, visíveis ou enterrados¹⁵

A pertinência e necessidade do trabalho arqueológico para recuperar o passado as capital do reino do Congo foi reivindicada em 2007, por Emanuel Esteves o líder da equipa do projecto “Mbanza Kongo – cidade a desenterrar para preservar”, projecto que objectivava a inscrição de Mbanza Kongo na lista do património mundial.¹⁶

Na circunstância, Emanuel Esteves lamentava o facto de as escavações que o arquitecto Fernando Batalha realizou em Mbanza Kongo, entre 1966 e 1970, tivessem sido abandonadas e *os vestígios das mais antigas construções europeias do hemisfério sul tivessem retornado ao solo*.¹⁷ (Fig. 03)

Um inédito programa de arqueologia urbana em África foi empreendido pelo arquitecto Fernando Batalha, estruturado e articulado com a proposta de um Plano de Urbanização de S. Salvador. Objectivava este programa arqueológico encontrar as *12 ou 13 igrejas, 3 ou 4 casas conventuais, numerosos paços e palácios, escolas residências dos quais ainda existem testemunhos evidentes no solo* e valorizar as ruínas que se exumassem, bem como evitar destruições criando espaços de reserva de construção. (Fig. 04)

O testemunho repetido, até tempo muito recente, da existência desses edifícios do passado, mesmo que muito arruinados, tornava possível alcançar os objectivos de recuperar os monumentos do passado português.

Os relatos dos missionários viajantes e aventureiros que nos séculos XVIII e XIX atravessaram o reino testemunham que por esta altura a cidade estava decadente, em ruínas, mas eram ainda reconhecíveis alguns edifícios.

Para este estado de ruína muito terão contribuído os acontecimentos e a instabilidade comumente incluídos no “pacote” de invasão dos Jagas em 1568 e, definitivamente, a Batalha de Ambuila em 1665, a qual parece iniciar um percurso de decadência do reino do Congo¹⁸.

Em 1678, o missionário Paolo da Varezza, diz ter sido o ultimo a sair do cidade, e assistido à invasão de os elefantes para comer as bananas, tendo arruinado as casas e todos os edifícios¹⁹.

O missionário Rafael Castello de Vide, em 1782,²⁰ escreve que restavam na cidade apenas ruínas de igrejas em pedra, que as casas, incluindo a do rei são em palha, e Raimondo de Diacomano (1796) diz claramente “*Não pense V. Ex.^a que esta seja uma Cidade como as da Europa: não duvido que antigamente fosse algo de bom, pelas ruínas que se mantêm*”²¹.

Estes relatos, complementados por Imagens que nos chegam do final do século XIX e início do século XX, nomeadamente as que acompanham a obra de Thomas Lewis²² dão testemunho do estado de ruína de alguns dos edifícios mais emblemáticos e do estado de decadência urbanística da outrora admirável cidade. (Fig. 05)

Fernando Batalha nunca apresentou os resultados das suas escavações. Referências breves

em publicações posteriores, ilustradas sem detalhe explicativo ou de localização ou outros dados de registo que não sejam fotos e, nestas, apenas pormenores de estruturas, são os únicos dados que tornou públicos e que confirmam que na altura ainda se encontravam restos bem conservados de antigas construções.²³ (Fig. 06)

Sobre as escavações disse F. Batalha, desde o último decénio do século XV, que ali se foram fundando templos e outros edifícios, (...) ergueram-se 12 ou 13 igrejas, 3 ou 4 casas conventuais, numerosos paços e palácios, escolas residências(...).No entanto, as intempéries da natureza e os destemperos do homem foram-nas destruindo impietosamente. Hoje raros vestígios testemunham essa obra multissecular. Mas raramente se escavará o solo sem encontrar alicerces das antigas construções já pouco identificáveis. Numerosas pesquisas que efectuamos em variados locais permitiram pôr a descoberto as pedras que serviram de fundação e suporte de muitas obras de outrora, que permaneceram enigmáticas.

A leitura de alguma correspondência oficial trocada entre o Arquitecto e os serviços que o enquadravam em Luanda, bem como o conhecimento de que alguma parte dos seus arquivos está inédita, não organizada e com acesso difícil,²⁴ permite-nos acalantar esperança de que não lográmos ainda aceder aos registos de campo que, certamente fez, e que em algum arquivo estarão guardados, de modo a aceder aos dados mais particulares destas escavações.²⁵

Mbanza Kongo é hoje uma cidade muito diferente daquela que era em 1583 e é, também, uma cidade muito diferente da cidade colonial portuguesa que observamos em fotos e plantas de 1961, não havendo à superfície restos do que o arquitecto português escavou. (Fig. 07)

À excepção do Kulumbimbi, que comumente se afirma ser o que resta da mais antiga igreja da cidade, fundada por Afonso I, as marcas do passado passaram à condição de vestígios arqueológicos. Os processos de descarte, recuperação, reutilização, reciclagem de materiais e estruturas é inerente à dinâmica dos espaços onde a vida continua, independentemente da geografia em que ocorram. (Fig. 08)

Procurar na cidade actual vestígios do passado, considerando a densidade de ocupação é, pois, um exercício de grande complexidade, exigindo abordagens multidisciplinares e com de resultados incertos. (Fig. 09)

O trabalho de Arqueologia que desde 2010 temos realizado, no âmbito da colaboração no projecto *Desenterrar para Preservar*, que visa a inscrição de Mbanza Kongo na lista do Património Mundial²⁶, enquadrou uma abordagem Arqueogeográfica com o objectivo de além de revelar monumentos permitisse avançar para uma proposta de compreensão da cidade antiga. Para esta análise convocámos os documentos históricos, os relatos e descrições feitos dos viajantes e missionários, a análise da morfologia urbana da cidade de Mbanza Kongo a partir da sobreposição da fotografia e da cartografia da cidade e/ou dos edifícios, disponível em arquivos (publicada ou inédita); destacam-se de entre estes as plantas deixadas pelo arquitecto Fernando Batalha, relativas ao plano de Urbanismo com o qual se pretendia dotar a cidade de um perfil mais moderno e as plantas de detalhe das zonas de protecção, a planta desenhada pelo general Spínola em 1961 as fotografias aéreas datadas de 1961 a ortofoto actual do centro histórico, e um vasto conjunto de fotografias que fomos reunindo junto de particulares, bem como as fotos dos trabalhos arqueológicos realizados por Fernando Batalha. Acresce a isto uma leitura de documentação histórica. (Fig. 10, 11, 12)

Esta vasta documentação foi organizada num SIG e comparada com os dados que resultaram das escavações tuteladas pelo INPC com a assistência pela equipa da Universidade de Coimbra e pela da Universidade de Yaoundé, nomeadamente Tadi dya Bukikua, Kulumbimbi e Missão Católica²⁷.

Independentemente da visão ideologicamente marcada, no que respeita aos objectivos da escavação, o vasto conjunto de plantas realizado por Fernando Batalha nas quais, mesmo sem localização exacta, nem orientação das estruturas que escavou ou identificou, são absolutamente fundamentais. Nelas, os achados foram reportados a áreas de reserva arqueológica, as quais correspondem, necessariamente, aos locais onde observou vestígios.

Da hibridação sistemática de dados e informações se logrou reconstruir uma proposta de plano morfológico da cidade anterior a 1953, alinhado com os vestígios arqueológicos fósseis e, também, como veremos mais adiante, identificar e posicionar os vestígios arqueológicos conhecidos pelas fotografias de Fernando Batalha e outros por ele referidos e só visíveis em fotografia aérea. (Fig. 13)

O Kulumbimbi, a casa do secretário do rei que já vemos em fotos do século XIX e o palácio do rei, construído em inícios do século XX, entre outros, ajustam-se nela de modo natural. (Fig. 14)

Tadi dya Bukikwa que fica na extremidade das áreas de protecção definidas por Fernando Batalha, também se concerta de modo orgânico nesta configuração. (Fig. 15)

A escavação neste local iniciou-se em 2012. As primeiras evidências de imediato mostraram semelhanças com uma das estruturas que Fernando Batalha escavara e que designou como *construção conventual que pôde ser identificado pela sua composição e e documento existente na Biblioteca nacional do rio de Janeiro que descreve a construção e a identifica como obra dos missionários jesuítas*” (Fig. 16)

Comparada a planta de pormenor agora realizada com os documentos históricos fica claro que se trata do colégio jesuíta cuja primeira pedra foi colocada pelo rei Pedro Afonso II²⁸ O irmão Mateus Cardoso (o tradutor da cartilha de latim para Kikongo), em 14 de setembro de 1525, descreve-o do seguinte modo. *Fomos ospedados dos nosos padres com a pobreza que custuma auer em princípios de Colejos, e muito mais nestas partes: mas com grandíssima Caridade, e amor, em huã cazinha de palha, na qual todos seis nos acomodamos, com a mor alegria, do que se fôramos recebidos em sumtuozos Colejos (...). E esperamos que sedo nos milhoremos em Colejo a que deu principio o Irmão Antonio de Siqueira com muito trabalho e camasado, feito de madeira e barro, coberto de palha por sima, por nestas terras, não auer edificios de pedra, e cal, nem materiais pera elles, e hum corredor de sento e uinte sinquo palmos de comprido, e de doze e mejo de largo, com quatro cobiculos, e refeitório, e despensa, que pera a terra hé muito pera espantar, e assi cauza espanto aos naturais da terra. E o que sobre maneira causou espanto, foi hü soubrado que se fes na despenca, por razão da muita humidade da terra*²⁹.

Estrutural e metricamente, tanto o corredor como os compartimentos correspondem ao descrito pelo padre Mateus Cardoso pelo será lógico admitir que naquele lugar que se situava o colégio Jesuíta de S. Salvador do Congo no século XVII. Identificaram-se, ainda, algumas remodelações e ampliações, o que concorda com as múltiplas alterações que foi tendo sem, contudo, ganhar a forma de pedra que lhe ia sendo prometida. De facto, em 1553, ainda era descrito como casa de palha *que serve de enfermaria y cocina y despensa, y estudio, y finalmente de todo*.³⁰ (Fig. 17)

Trata-se de um singular e excepcional exemplo da arquitetura religiosa da Companhia de Jesus no século XVII em África e no mundo. Testemunho evidente de uma particular forma de “gerir” os processos de cristianização da África, merece leituras atentas e atentas, também no seu papel de escola³¹. Se a correria para o baptismo, apenas pedindo *anamungoa* (sal), excluindo todo o resto do ritual, exemplifica a forma particular de adesão ao cristianismo das populações Congo, outros exemplos mostram que a singularidade do cristianismo não é um vocábulo sem conteúdo. Sobre isso muitos textos sem têm escrito e está ainda por fazer um trabalho de síntese antropológica.

O hábito de enterrar os mortos nas igrejas em ruínas e a fumigação dos corpos, para que em tempos de falta de missionários que os enterrassem se mantivessem conservados os defuntos até que um clérigo chegasse e fizesse o enterro, são outros tantos testemunhos de uma certa forma de observar o cristianismo. Um ano, ou até 10 anos, poderia ser o tempo de espera dos defuntos cadáveres para ser encomendados e enterrados e esse tempo só era possível porque os corpos estavam embalsamados. (Fig. 18)

O esqueleto que se escavou na capela mor no Kulumbimbi e que até ao presente não lográmos identificar³² tem evidências de desconjuntamento de seus ossos, certamente por efeito do processo de fumigação. (Fig. 19)

A este propósito Zacharais da Silva Cruz, chefe do concelho de D. Pedro V, diz: como já dissemos, quando morre qualquer pessoa é logo envolvida em peças de fazenda, e assim posto o cadáver numa espécie de tarimba, com fogo por baixo, que se conserva por largo tempo, até o corpo estar seco. Só passado um ano, ou mais, é que o dão à sepultura.³³

As datas obtidas para os ossos e para as missangas que adornavam os pés e mãos, fim do século XIX, testemunham que o enterramento se fez já numa ruína. A. J. Castro, que terá estado na cidade de S. Salvador durante 13 dias no ano de 1845, descreve o Kulumbimbi como Igreja arruinada, a sé ainda tem toda a capela-mor, com uma escadaria de pedra que conduz ao altar, a capela do Sacramento, e a sacristia, que é muito pequena, conserva todas as paredes, mas a que fica sobre uma porta que dá para o palácio do bispo está suspensa pelas raízes de uma árvore que nasceu no resto do edifício; tem parte de uma parede lateral do corpo da igreja; quanto ao mais só se descobrem os alicerces distinguindo-se perfeitamente a porta por existirem em pé dois pedaços das ombreiras de pedra: a arquitetura é muito simples: um paralelogramo forma o corpo da igreja dividido da capela-mor por um arco de pedra.³⁴

Interpelámos os documentos históricos e convocamos a arqueologia para os discutir. Acrescentámos tarefas novas ao trabalho e propostas ao debate; apontámos a uma investigação arqueogeográfica, profundamente agregadora e interdisciplinar, sem a qual existe o risco de continuar a escrever sobre aquilo que nem se ousou descrever.

Dando a conhecer os primeiros dados desta análise, escancarou-se a evidência de que há ainda muito trabalho de investigação a fazer sobre e na capital do Reino do Congo. Feito de modo sistemático e em articulação com o desenvolvimento da cidade o património passado tem, portanto, possibilidade de fazer-se presente.

Notas

- 1 Sobre a reino do Congo e a sua história veja-se, entre outros, VANSINA, J., Les anciens royaumes de la savane: les états des savanes méridionales de l'Afrique centrale des origines à l'occupation coloniale, Léopoldville (Congo), Institut de Recherches Economiques et Sociales, 1965; THORNTON, John, "The Origins And Early History Of The Kingdom Of Kongo, c. 1350- 1550", *The International Journal of African Historical Studies*, Vol. 34, No. 1, 2001; THORNTON, John, *The Kingdom of Kongo: Civil War and transition 1641-1718*, Madison: Univ. of Wisconsin, 1983; BATSÍKAMA, Parício, *O Reino do Kôngo e sua Origem Meridional, Luanda*, Universidade Editora, 2011; HILTON, Anne, *The Kingdom of Kongo*. Oxford: Calereson Press, 1985; CUVÉLIER, Jean e Louis Jadin, *L'ancien Congo d'après les archives Romaines*, 1518-1640. Bruxelas, 1954.
- 2 Relatos e descrições de que se destacam PIGAFETTA, Filippo, ed. *Relazione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade tratta dalli scritti & ragionamenti di Odoardo Lopez, Portoghese, per Filippo Pigafetta, con disegni vari di geografia, di piante, d'habiti, danimali, & altro...* Roma: Apresso, B. Grassi, 1591; CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola. Tradução, notas e índices do Pe. Graciano Maria de Leguzzano*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. 2 v. e CADORNEGA, Antonio de Oliveira de, *História Geral das Guerras Angolanas*. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972. 3 vols.
- 3 BRÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 11 vols. 1952-54. Doravante citado como MMA.
- 4 Ilídio Amaral, afirma que a chegada dos portugueses alterou a dinâmica da cidade, sua importância e significado para as populações do reino. Na estrutura urbana da cidade a centralização hierárquica refletia-se na tentativa de incorporação de uma reorganização do espaço conforme os costumes portugueses, com a construção de fortaleza, a Sé Catedral, e o mercado. AMARAL, Ilídio do, Mbanza Kongo, cidade do Congo, ou São Salvador: contribuição para o conhecimento geográfico de uma aglomeração urbana africana ao sul do Equador, nos séculos XVI e XVII", *Sép. Garcia de Orta, Sér. Geog.*, Lisboa, 12 (1-2), 1987 pp. 1-40.
- 5 Carta do Embaixador de Milão em Lisboa, 6 Novembro, 1491 in Adriano Capelli, "A Proposito di Conquiste Africane," *Archivio Storico Lombardo*, 1896, p. 416
- 6 Neste ano de 64. se queimou a cidade de Angoleme, onde elRei entam residia, e dez vezes se pôs fogo em diversos dias, fazendo sempre grande estrago em casas, fazenda e gente, mas da ultima ardeio sem ficar casa, de maneira que foi necessário levantar-se elRei para dahi a duas legoas, à outra sua povoação, e dahi a poucos dias se veio à Cabaça metropoli de seus Reinos, donde agora reside, e nós cõ elle, fazendo aqui nova cidade, e em novo sitio; foi a cousa mais espantosa o fogo de Angoleme que eu nunca vi, nè os negros se acórdão de tal, porque hũa cerca tamanha como os muros da cidade d'Evora com cinco, ou seis mil casas de palha, e madeira muito grossa, e muros de paos altos e grossos tecidos de palha, e canas, por fora da cerca como por toda as ruas da cidade. ateadado tudo em hũ estranho e vivo fogo per todas as partes cõ mui espantoso vento, era o mais medonho estrondo que se / podia imaginar. Carta do Padre Francisco de Gouveia ao padre Diogo de Mirão em 1.02.1564, MMA II, 179.
- 7 A consagração da igreja jesuíta invocação a S. Salvador, no ano de 1596, foi acompanhada da renomeação da cidade.
- 8 PIGAFETTA, Filippo, ed. *Relazione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade tratta dalli scritti & ragionamenti di Odoardo Lopez, Portoghese, per Filippo Pigafetta, con disegni vari di geografia, di piante, d'habiti, danimali, & altro...* Roma: Apresso, B. Grassi, 1591.
- 9 Chegada dos pretos ao Congo, MMA, I, 17, 1488 – 1491; Carta do rei do Congo a D. Manuel I, em 31.05.1515, MMA, I, 89; Carta do rei do Congo a D. Manuel I, em 13.6.1517 MMA I, 114.
- 10 Da vinda do corpo de mestres portugueses nos dá conta, entre outros, Damião de Gois, (GOIS, Damião, Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel, cap. XXXVII, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1955, vol. III, pp. 149-153; MMA I: 223) "...lhe mandou pedreiros & carpenteiros para fazerem Egrjes & huns paços pera o mesmo Rei..." e da alteração das técnicas e materiais construtivos, entre outros, logo no início do século XVI a correspondência dos reis Afonso a Manuel I, 13 Junho 1517, MMA I: 410 e no final do século XVII o missionário espanhol Antonio de Teruel [BN de Madrid, MS 3533, *Descripcion Narrativa dela Mission serafica delos Padres Capuchinos, y sus Progressos en el Reyno de Congo*, 1668, p. 180).
- 11 embaixador a elRei de Manicongo Simão da Sylua fidalgo de sua casa, caualleiro da ordem de Christus, & ho filho delRei, & irmão, & moços nobres ficaram quá, repartidos per mosteiros, onde os ensinaram a ler, screver, gramatica, & cousas da Fé de que algũs delles saíram bÔs latinos, & theologos. Entre outras cousas que elRei dom Emanuel mandou a elrei dom Afonso de Manicôgo., foram cauallos, e mulas de preço bê ajaezados, & muitos ornamentos de Egrejas, assi de vestimentas, quomo caliz, cruces, galhetas, tribullus de prata branca, & dou- rada, latão, & cobre, retabolos pintados, & sinos: aliem do que lhe mandou pedreiros, & carpinteiros pera fazerem Egrejas, & hus paços pera ho mesmo Rei, aho modo dos de quá... Embaixada de Simão da Silva ao Congo, 1512, MMA, I, 63.
- 12 Fernando Batalha, arquitecto da Comissão Nacional de Monumentos, na década de 60 do século XX realizou escavações em vários pontos da cidade afirmava:..No entanto, as intempéries da natureza e os destemperos do homem foram-nas destruindo impiedosamente. Hoje raros vestígios testemunham essa obra multissecular. Mas raramente se escavará o solo sem encontrar alicerces das antigas construções já pouco identificáveis. Numerosas pesquisas que efectuámos em variados locais permitiram pôr a descoberto as pedras que serviram de fundação e suporte de muitas obras de outrora, que permaneceram enigmáticas. da cidade. Apenas breves notas e algumas imagens foram publicadas, dificultando a localização desses achados. BATALHA, Fernando. Povoações históricas de Angola. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p. 12 -25.
- 13 DAPPER, Olfert. The Banza or Residence of the King of Kongo called S. Salvador." – *Description de L'Afrique*. Amsterdam: W. Waesberge, Boom et Van Someren, 1686. Pp. 343-344.

- 14 Entre outros, veja-se BRÁSIO, Antonio, “Informação sobre o Reino do Congo de Fr. Raimundo de Dicomano (17989”, *Stydia*, nº 46 (1987), p. 303-330 *falar-se muitas vezes da Cidade de S. Salvador, capital do Reino do Congo, não pense V. Ex.ª que esta seja uma Cidade como as da Europa: não duvido que antigamente fosse algo de bom, pelas ruínas que se mantêm. Porque se vêem ainda as paredes da Igreja Catedral, que era muito grande e bem feita. Vêm-se os restos do Palácio do Rei, da Rainha, do Príncipe, todos de pedra quadrada e muito grandes. Vêm-se alguns restos da casa e da Igreja dos Jesuítas, do nosso Hospício e das outras nove Igrejas, todas de boas pedras e cal, e tudo foi construído pelos Senhores Portugueses: mas presentemente é um bosque de arbustos e de mato. O Palácio actual do Rei é uma cabana de palha, como a dos outros pretos. As cabanas todas que se contavam no meu tempo não eram mais de vinte e duas, e toda a gente que habitava na Cidade não chegava a cem pessoas; isto é o que compõe toda a Cidade de S. Salvador, Capital do Reino do Congo.*
- 15 Entre outros, no forte construído em 1860, em um lugar apontado pelo tenente Zacharias, CRUZ, Zacharias da Silva; *Extracto de um relatório do chefe do concelho de D. Pedro 5o. 1859, usou-se (...) a pedra de todas esses templos erguidos á gloria de Deus, serviu há um quarto de seculo, na epocha das ultimas expedições militares, para fazer um fortim octagono com angulos reintrantes e capacidade para 260 homens*, BARROSO, António. *O Congo, seu passado, seu presente e seu futuro*. 1888-1889. p. 182.
- 16 ESTEVES, E. “Mbanza Kongo, ville archeologique”, *Nsi*. 6. 1989. pp 159-164
- 17 Fernando Batalha arquitecto que conheceu o rei do Congo, D. Pedro VII, no ano de 1942, o qual lhe mostrou os escombros da [suposta] primeira igreja portuguesa da cidade de São Salvador, exerceu em Angola vários cargos, como o de delegado do Gabinete de Urbanização do Ultramar o de vogal na Comissão Provincial dos Monumentos Nacionais de Angola e o de funcionário do Instituto de Investigação Científica do Ultramar (no sector da Arqueologia). Na década de 60 do século XX realizou um programa de escavações de que mais à frente nos ocuparemos, visando encontrar as antigas construções dos portugueses.
- 18 Sobre esta questão, por todos, veja-se PINTO, Paulo Jorge de Sousa, 1999, “Em torno de um problema de identidade: os *Jaga* na História do Congo e Angola”, *Mare Liberum*, Vol. 18-19, pp. 193-243.
- 19 Carta existente no Arquivo “De Propaganda Fide” (Roma), series Scritture Originali dei Congregazioni Generali, vol. 495, fol. 168 (1682).
- 20 CASTELLO DE VIDE, Raphael, “Viagem do Congo do Missionario Fr. Raphael de Castello de Vide, hoje Bispo do Sao Tome” (*MS of 1788*), *MS Vermelho*, 296 fol.
- 21 “Informazione sul regno del Congo di Fra Raimondo da Dicomano, 1798”, Tradução de BRÁSIO, António, *Stydia* n.º 46, 1987, pp. 303-330.
- 22 LEWIS, Thomas, 1902, The “Ancient Kingdom of Kongo: Its Present Position and Possibilities”, *The Geographical Journal*, Vol. 19, No. 5), pp. 541-558
- 23 BATALHA, Fernando. *Povoações históricas de Angola*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. pp. 12-25; BATALHA Fernando, *Angola: Arquitectura e história*. Vega, 2006, pp. 21-27
- 24 A documentação existente em Angola não está disponível e apenas tivemos acesso a uma pequena parcela do acervo doado à Academia de Belas Artes, o atesta bem as dificuldades de acesso à documentação.
- 25 O espólio parece ter-se perdido para sempre. Dele constavam várias peças, nomeadamente retiradas de sepulturas, entre elas ouro.
- 26 Em 2010 fomos solicitados pela UNESCO para dar parecer sobre o potencial de Mbanza Kongo para inscrição na Lista do Património Mundial e desde 2012 temos integrado a equipa internacional que realiza trabalhos arqueológicos com vista a contribuir para informar o dossier de candidatura que a República Popular de Angola apresentou ao Património Mundial.
- 27 Não se trata aqui de publicar os resultados das escavações. Esses resultados serão oportunamente publicados pelo colectivo que realizou os trabalhos de Arqueologia. É, apenas do trabalho sincronizado de análise multivariada das fontes disponíveis que a equipa portuguesa realizou que trataremos aqui.
- 28 MMA, VII, 1624, p. 288,
- 29 MMA; VII, 24, pp. 380, 381.
- 30 MMA III, 98, pp. 300.
- 31 Os documentos sobre o ensino e o pedido de mestres para ensinar a ler e a escrever é bastante interessante e deixa antever uma investigação de grande alcance. Logo em 1504 em D. Manuel envia ao congo *homes letrados na sacra Theologia, aho Regno de Congo, com hos quaes mandou mestres de ler, & screuer. & outros pera là ensinar ho canto chão da igreja, & musica do canto dorgão, & ahos príncipaes a que encarregou destes negocios, mandou entregar muitos liuros de doctrina Christã, vestimentas de brocado, & seda, cruces de prata, calix turibullos, & outras cousas neçessarias pera ho seruiço diuino*, (MMA, I, 53), e em 1526 e rei do Congo reclama a D. João II que envie três ou quatro bons mestres de gra- mática, cinco ou seis pedreiros e dez carpinteiros para terminar as igrejas, sobretudo a da Senhora da Vitória (MMA, I, 144)
- 32 Embora saibamos que a mãe de D. Garcia foi aí enterrada com pompa e circunstância, em 1815.
- 33 No exterior da Igreja, nas traseiras foram escavados esqueletos de criança. Não tivemos oportunidade de verificar se também tinha sido sujeito ao processo de embalsamento. Pela cronologia que remete para o século XIX, parece que também foram enterrados com a igreja em ruínas.
- 34 CASTRO, A., “O Congo em 1845”. *Boletim da Sociedade Geographica de Lisboa*, 1880, pp. 59-60.

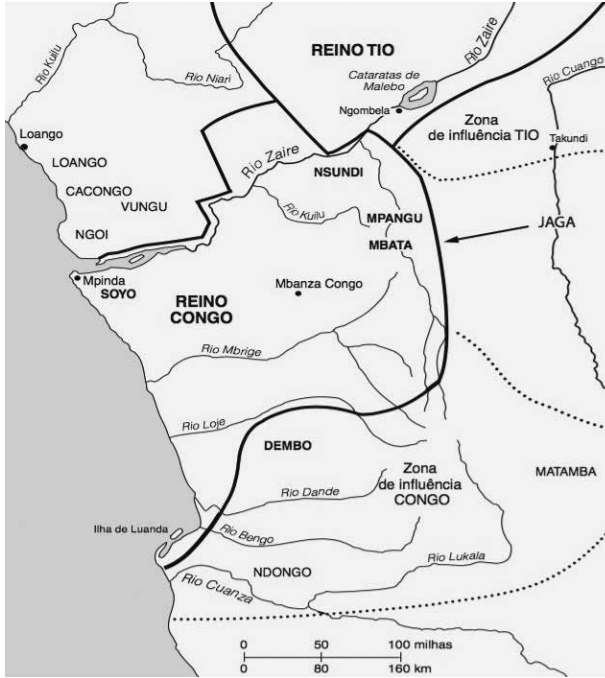


FIG. 01 – Reino do Congo e seus vizinhos no séc. XVI, segundo J. Vansina



FIG. 02 – São Salvador, Gravura de Dapper 1639-1689



FIG. 03 – Estrutura identificada como troço de muralha por F. Batalha

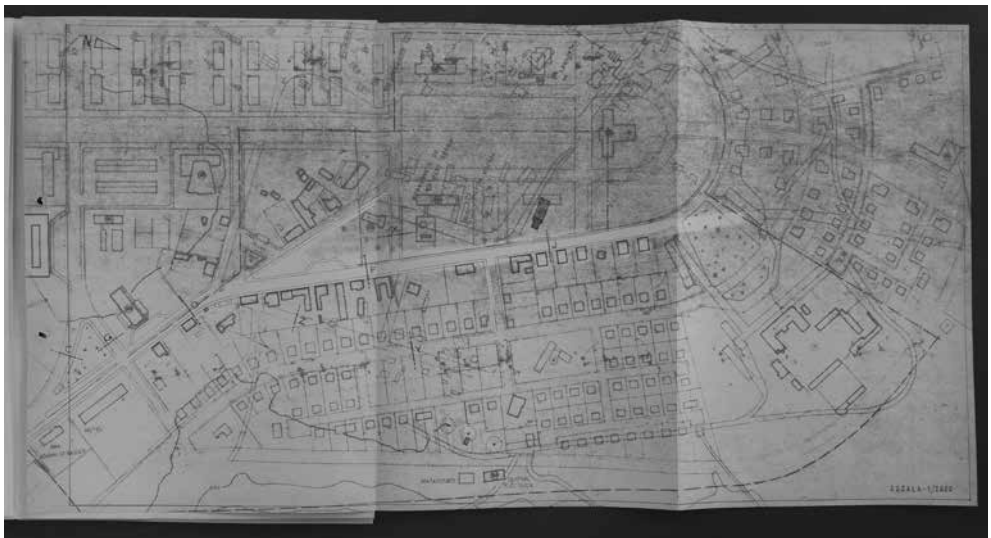


FIG. 04 – Plano de urbanização de São Salvador



FIG. 05 - Kulumbimbi no final do séc. XIX



FIG. 06 – Fundações circulares de uma antiga edificação, presumivelmente uma igreja, reveladas pelas escavações da velha urbe quinhentista segundo F. Batalha

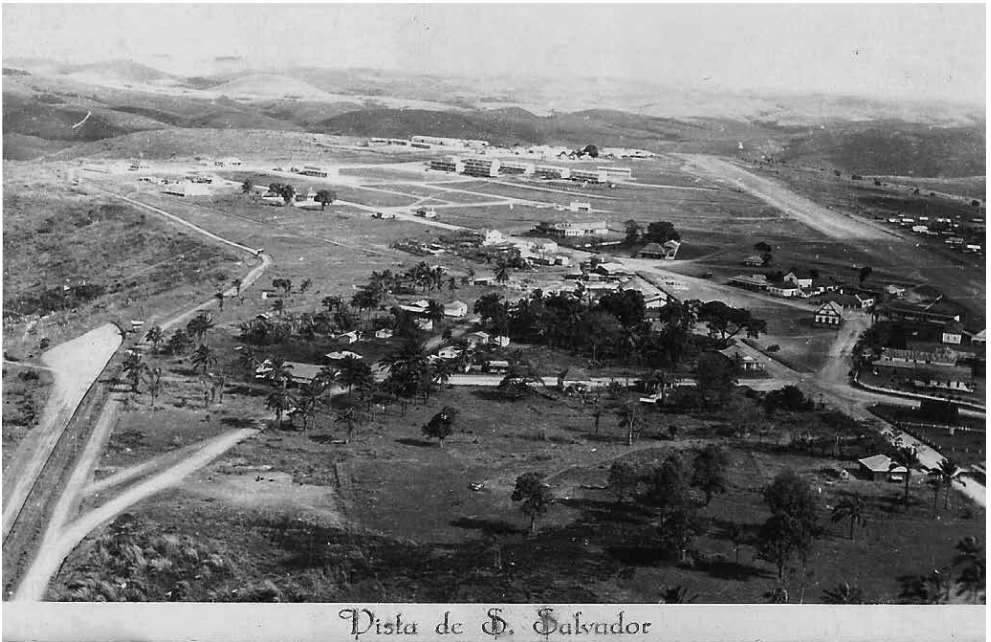


FIG. 07 – Imagem aérea de Mbanza Kongo em 1966



FIG. 08 - Kulumbimbi Imagem 3D

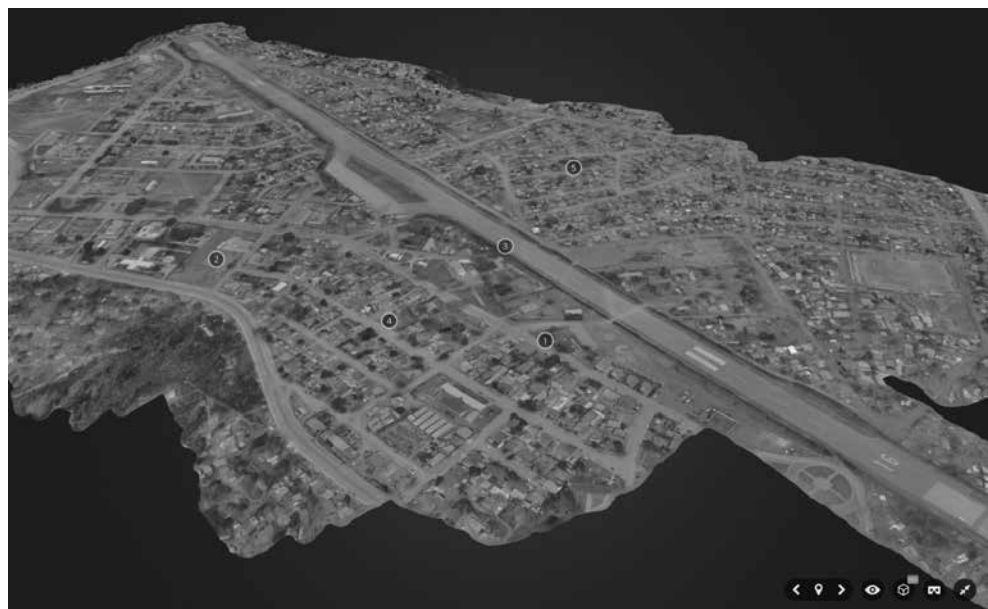


FIG. 09 - Ortofotomapa da cidade de Mbanza Kongo, 2015

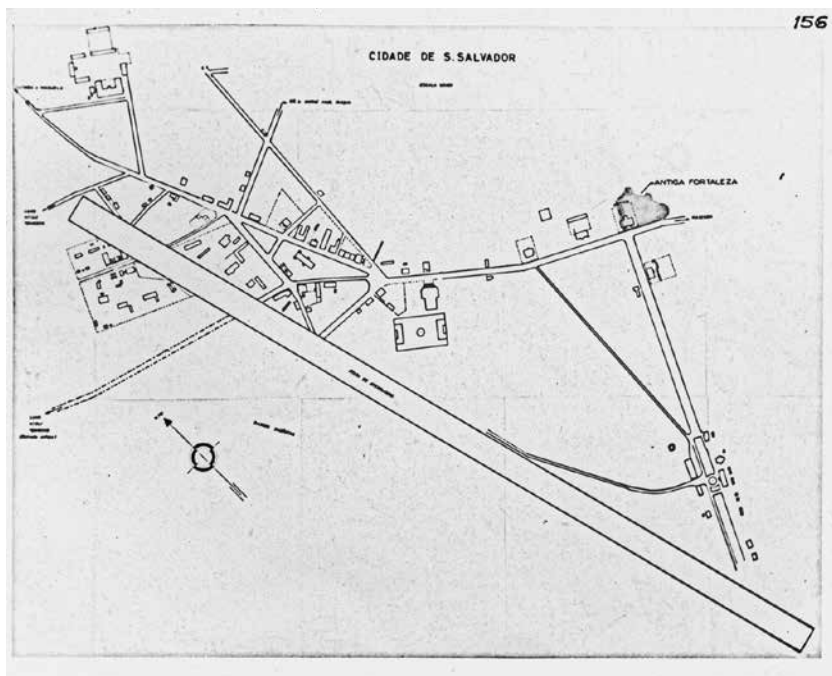


FIG. 10 – Planta esquemática do centro de Mbanza Kongo em 1961, elaborada pelo General Spínola.

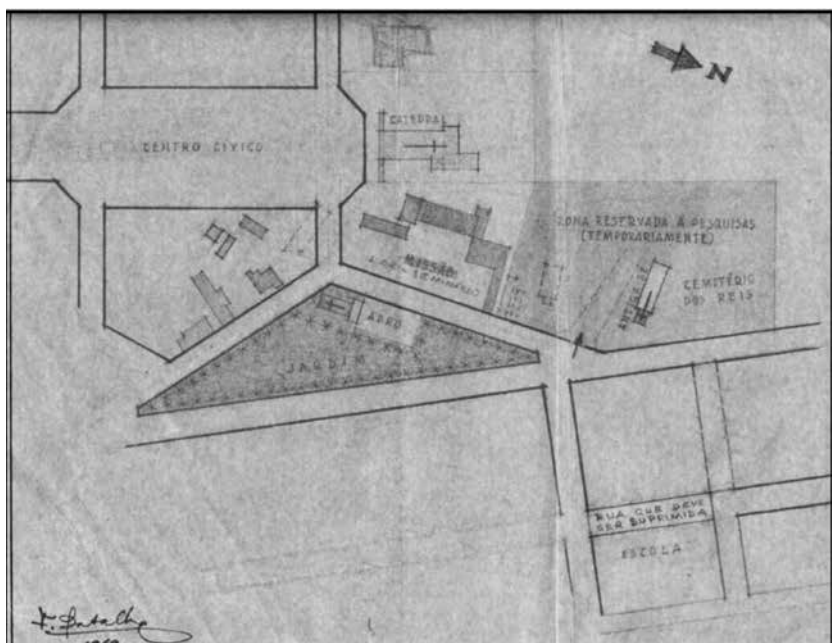


FIG. 11 – Zonas de intervenção condicionada definidas por Fernando Batalha em razão do resultado das escavações

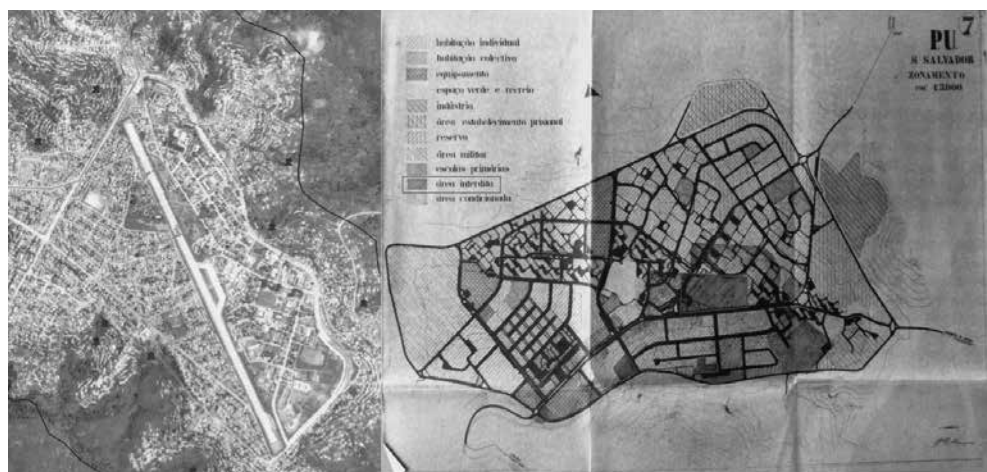


FIG. 12 – Planta de pormenor do centro histórico com área de reserva arqueológica prioritária



FIG. 13 – Estrutura urbana anterior a 1953. Uma das igrejas está sob a pista de aviação.



FIG. 14 – Casa do Secretário do rei no final do século XIX: saída da comitiva de propaganda protestante de S. Salvador

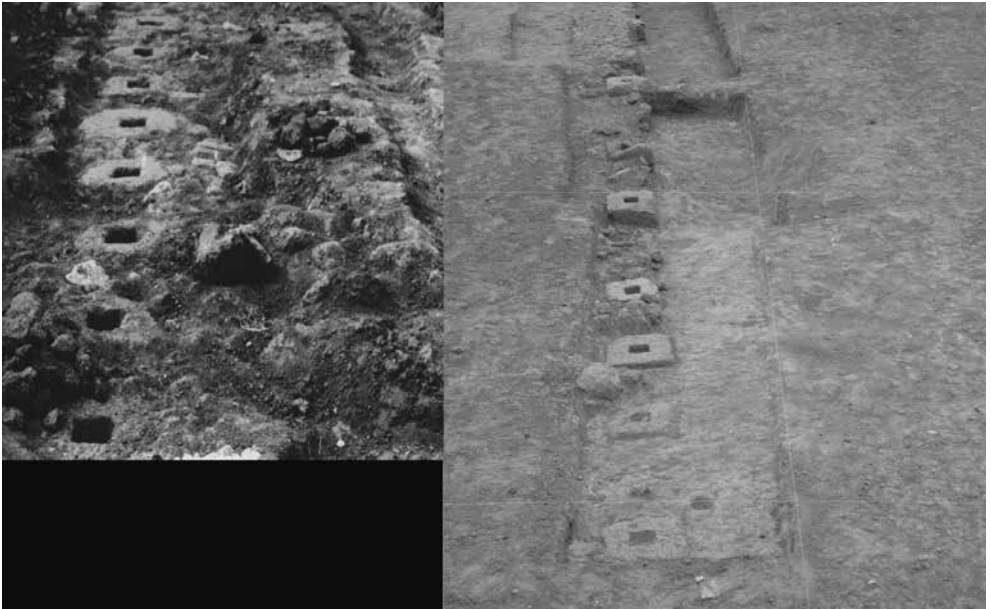


FIG. 15 – Sítio designado de Tadi dya Bukikwa



FIG. 16 – Foto da estrutura escavada por Fernando Batalha comparada com estrutura escavada recentemente

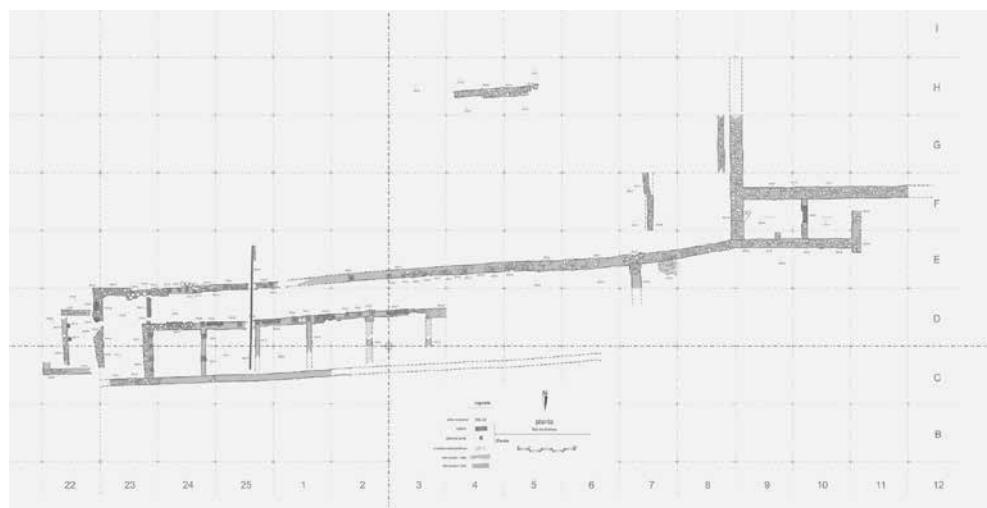


FIG. 17 – Planta do colégio jesuíta de S. Slavador (actual Mbanza Kongo)



FIG. 18 – Sepultura de jovem do sexo feminino na capela mor do Kulumbimbi

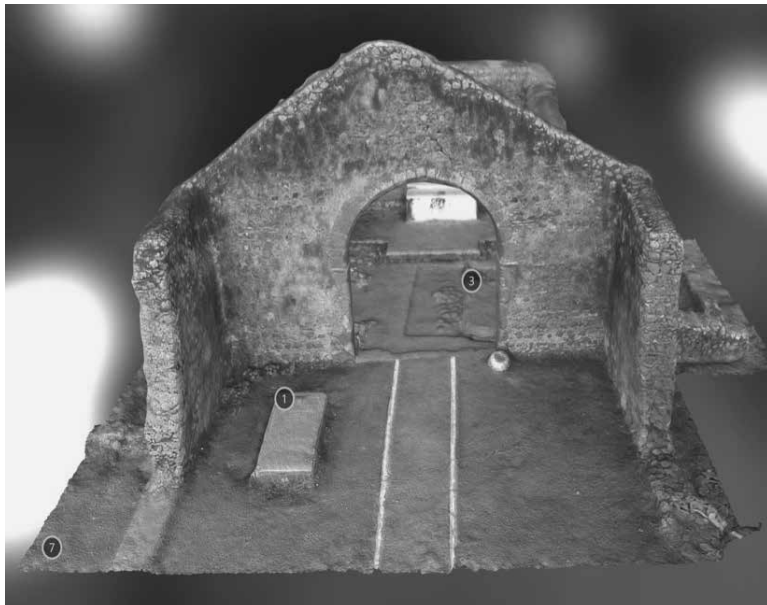


FIG. 19 – Pormenor do enterramento da jovem sepultada no Kulumbimbi